Uma lavadeira de Entre-os-Rios

(«Cliché» Octavio Bobone).

II SÉRIE—N.º 610

Lisboa, 29 de Outubro de 1917

Ilustração Portugueza

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPANHA

Assinatura Trimestre, 1$45 ctv.—Semestre 2$90 cent.—Ano 5$80 ctv. Numero avulso, 12 centavos

Numero avulso em todo o Brazil 700 réis.

Edição semanal do jornal —O SECULO—

Director—J. J. da Silva Graça
Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.ª
Editor—José Joubert Chaves

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—Lisboa

"PERFUMARIA DA MODA"

A UNICA CASA ESPECIALISTA EM PRODUTOS DE BELEZA

Extrato do catalogo dos preparados fabricados por esta casa e que se encontram á venda em todo o paiz, ilhas, Africa e Brazil:

"Juvenia", poderoso tonico que faz voltar os cabelos brancos á primitiva côr, loiro, castanho ou preto, sendo um grande vigorisador das raizes do cabelo e tirando a caspa. Não contém nitrato de prata, nem materia alguma que prejudique. E' perfumado.
Frasco........................ *1$000 réis*

"Leite Antefelico Maria", o unico preparado conhecido que, sem o menor perigo, tira as sardas, as manchas, o pano do rosto por efeito da gravidez, e, emfim, todos os defeitos da pele. Depois de o usarem algumas semanas, as senhoras adquirem uma pele de rosto que as torna mais novas dez anos. E' produto garantido e de facil aplicação.
Frasco........................ *900 réis.*

"Agua Nupcial", preparado precioso para tirar a oleosidade á pele do rosto e tonifical-a, dando-lhe vitalidade. As senhoras que têm o rosto muito oleoso devem usal-a em substituição do creme. Faz aderir o pó d'arroz perfeitamente.
Frasco........................ *900 réis.*

"Schampoo Maria", o unico no genero que, é preparado segundo uma fórmula scientifica e que não só lava radicalmente mas tambem beneficia o cabelo e o couro cabeludo. O seu uso uma vez por semana evita a queda do cabelo.
Cada pacote........................ *60 réis.*

"Loção Maria", tonico feito segundo a fórmula d'um especialista francez, e que deve ser preferido para uso diario por todas as pessoas que desejam conservar o seu cabelo, pois lhe dá todas as qualidades necessarias ao seu desenvolvimento e vigor. O seu uso deve ser combinado com o do «Schampôo Maria».
Frasco........................ *800 réis.*

"Fricção Maria", As senhoras que têm o cabelo oleoso e que têm dificuldade em molhar a cabeça, podem limpal-o admiravelmente com este pó, que se vende em pacotes para duas ou tres vezes. Logo que se deita no cabelo absorve-lhe toda a oleosidade, tornando-o sedoso e fazendo-o armar bem. Tira-se depois simplesmente com uma escova e o cabelo fica limpo e perfumado.
Cada pacote........................ *100 réis*

"Flôres de Camomilha", excelente para impedir que os cabelos loiros se tornem escuros. Faz-se um cosimento com um punhado d'essas flôres e com a agua lava-se o cabelo. Basta usal-o de longe em longe para conservar um lindo loiro ao cabelo.
Pacote........................ *300 réis.*

"Banho de Farelos perfumados", Toda a gente sabe como é util para a pele o banho de farelos. Sobre essa base preparamos um esplendido produto de perfumaria, pois que cada saquinho destes, metido na agua de um banho, torna-o imediatamente leitoso e perfumado, comunicando á pele o beneficio das propriedades dos farelos e das essencias. E' um produto requintado e util.
Cada pacote........................ *300 réis*

"Agua Alexandra", Destinada especialmente ás mãos, as quais branqueia e amacia deliciosamente, deve ser usada por quem dese a trazer as mãos lindas. Ao mesmo tempo previne contra o cieiro e as frieiras, assim como contra a aspereza e a transpiração das mãos.
Frasco........................ *700 réis.*

"Brilhantina Maria", Produto muito bom, pois dá um belo brilhante ao cabelo sem o engordurar nem o estragar. Conserva-se excelente, sem se rançar.
Frasco........................ *450 réis.*

"Brilhantina cristalisada", Magnifico produto de perfumaria, que sofre confronto com os melhores do estrangeiro. E' um preparado de grande sucesso, que tem uma venda extraordinaria, visto que sendo igual ás melhores brilhantinas francezas, custa metade do seu preço.
Boião........................ *700 réis.*

"Créme de Rosas", Preparado que todas as senhoras devem usar diariamente, pois rivalisa com os melhores crémes estrangeiros. Branqueia, amacia e aveluda o rosto maravilhosamente, se n o engordurar, o que é raro nestes produtos. Fixa o pó de arroz. E' um créme ideal. Tem um perfume delicioso e um lindo tom rosa.
Boião........................ *500 réis.*

"Créme Nupcial", da mesma qualidade, mas convém mais ás senhoras que têm a pele muito seca. E' branco.
Boião........................ *500 réis.*

"Pó de arroz Maria", produto finissimo, um dos melhores e dos mais escrupulosamente fabricados que aparece no comercio. Não contendo senão materias primas de qualidade escolhida e sendo feito com todo o cuidado cientifico, é o pó de arroz que convém a toda a especie de pele. Branqueia e amacia deliciosamente. Não tem um perfume intenso para não irritar a cutis; mas comunica-lhe uma frescura inegualavel. Quem se habitua a ele, não quer outro.
Caixas de 300, 200 e.. 100 rs. **(Segundo os tamanhos)**

"Leite de Rosas", um dos nossos melhores produtos e dos mais finos que ha no genero. Não receia confronto com os mais reclamados do estrangeiro. Branqueia maravilhosamente rosto, pescoço, colo braços, produzindo um efeito esplendido sobretudo no teatro, «soirées», etc. Amacia a pele, á qual presta um lindo tom; quem o usa escusa de pó de arroz. E' um preparado que honra a industria nacional.
Frasco grande........................ *1$000 réis.*
Frasco de amostra........................ *300 réis.*

"Depilatorio Concentrado" um dos poucos preparados no genero, que tira os pêlos em 3 minutos sem irritar nada a pele. Opera perfeitamente e não ha a temer nenhuma irritação. E' magnifico para as peles delicadas.
Caixas grandes a........................ *1$200 réis.*
De tamanho médio........................ *600 réis.*

"Figaro", depilatorio progressivo, especial para tornar invisiveis os pêlos do buço e do rosto das senhoras. Tira-lhes a côr e com o uso prolongado fal-os pouco a pouco desaparecer.
Frasco........................ *800 réis.*

"Depilatorio Maria", destinado a tirar os pêlos dos braços e do corpo. Não o aconselhamos para o rosto, por ser forte. E' magnifico. Basta passar este liquido ao longo da pele, os pêlos caem instantaneamente. E' um bom preparado para o efeito.
Caixa........................ *1$200 réis.*

"Loção de Tilia", destinada apenas a perfumar o cabelo, é um produto perfeito, que rivalisa em perfume com as loções estrangeiras. E' delicado, fino e penetrante, conservando-se largo tempo e persistindo.
Frasco........................ *800 réis.*

"Loção de Violetas", Perfuma muito bem o cabelo e amacia-o, sendo um bom produto de ***toilette***. E' vantajoso tambem contra a caspa, a qual dissolve.
Frasco........................ *800 réis.*

"Brilhantina Ondulante", Preparado destinado a fixar os frisados do cabelo, os quaes conserva alguns dias sem alteração. E' muito conveniente para firmar todos os penteados em que é necessario ondear o cabelo.
Frasco........................ *1$000 réis.*

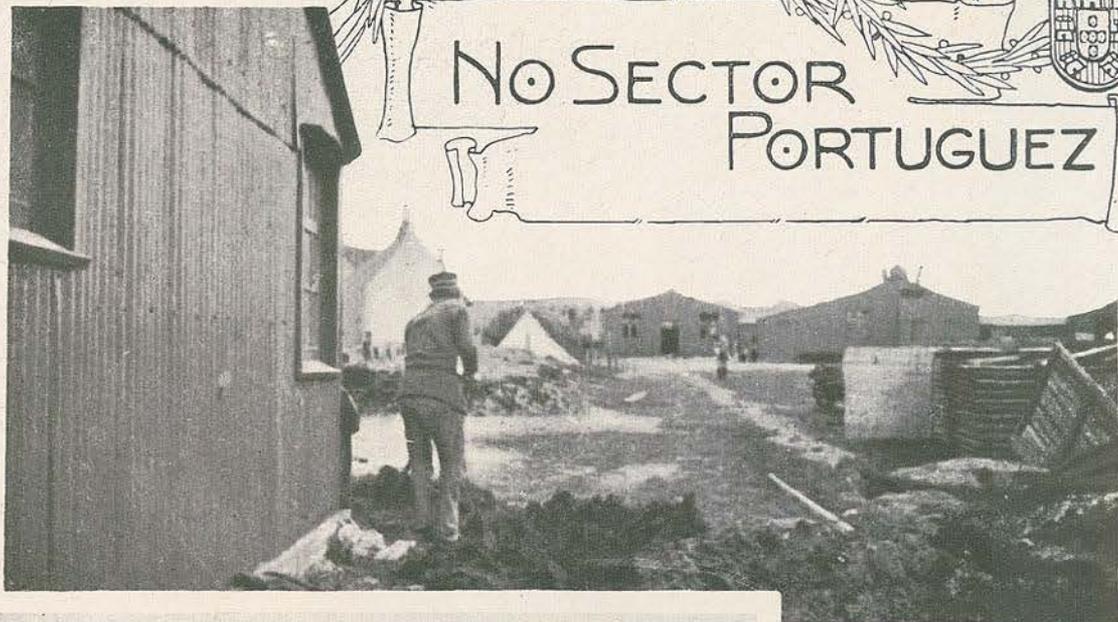
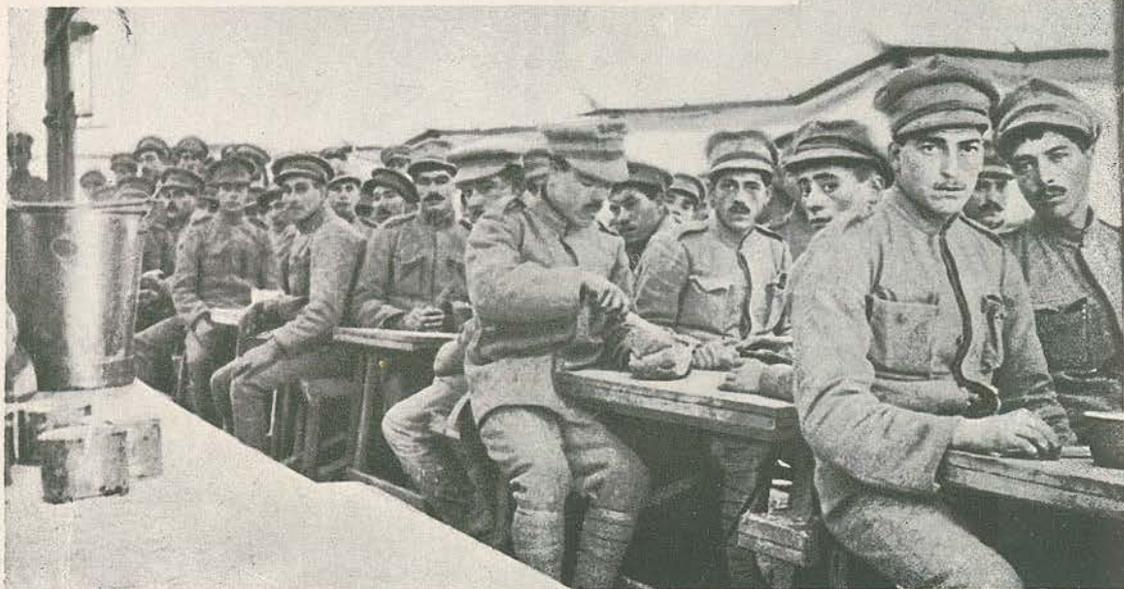
"Agua de Colonia", Não é facil fazer uma boa agua deste genero e a prova é que grande parte das que aparecem são inferiores. Depois de pacientes e numerosos ensaios, conseguimos realisar uma agua de Colonia de primeira ordem. Ha quem a tenha mais barata. Mas não ha quem a tenha melhor. Por isso, ela recomenda-se por si.
Garrafas de litro a........................ *2$800 réis.*
De meio litro a........................ *1$600* »
Frascos a........................ *800* »

Enviamos o catalogo na volta do correio, a quem o pedir.

Esta casa, que tem um sortido completissimo de toda a perfumaria franceza, ingleza, americana e hespanhola, recebe constantemente de Paris e Londres todas as novidades que ali aparecem em produtos de beleza.

5, Rua do Carmo, 7 – LISBOA

Sucursal no PORTO: — Rua Passos Manoel, 53, 1.º

No Sector Portuguez

Todas as pessoas que visitam o nosso sector são unanimes em elogiar as suas instalações e a forma por que tudo ali funciona, debaixo do ponto de vista da ordem, da disciplina e da atividade. Ao contato de outros soldados das nações aliadas, os nossos tem-se estimulado de tal maneira que se lhes reconhecem hoje grandes qualidades que até aqui passavam por assim dizer despercebidas.

1. Um prisioneiro alemão trabalhando n'um acampamento portuguez

2. Um aspéto d'um acampamento portuguez

3. A' hora do rancho n'um hospital

Mortos pela patria

Mortos pela patria : Fausto de Jesus Madureira, soldado de infantaria 9; José Augusto de Oliveira, soldado de infantaria 23: Floriano Gomes da Luz, soldado de infantaria 24; Adelino de Figueiredo e Manuel José, soldados de infantaria 35.

Mais cinco retratos juntamos hoje á galeria gloriosa dos que baquearam lutando pela patria e pela liberdade dos povos. São 258 os portuguezes que encontraram já a morte, valentemente afrontada nos campos de batalha da França, e 94 os que morreram de doenças e desastres.

Este ultimo numero é relativamente maior do que aquele e muito mais significativo, comparados ambos com o dos homens que temos em campanha. D'ele se infere sem dificuldade o pouco cuidado, carateristico do nosso ardor de peninsulares, e a estranheza do clima com que luta a nossa gente.

Louvados pela sua coragem e valentia : Sr. Mario Saraiva da Mouta Dias, alferes d'infantaria, e Diogo Martinez de Lima, segundo sargento da mesma arma.

Aqui, quasi que se não sabe o que é frio e o que são chuvas torrenciaes, aguentadas a pé firme e a descoberto. O soldado portuguez é, sem duvida, dos mais resistentes; mas, desde que lhe faltem os agasalhos indispensaveis, ha de forçosamente sucumbir a um frio muitos gráos abaixo de zero e á humidade constante.

E' completamente indispensavel valer-lhes com urgencia. Aquela desanimadora percentagem assim o exige.

Oficiaes d'um batalhão d'infantaria : Da esquerda para a direita, sentados, os srs. capitães Henrique dos Santos Nogueira e João de Passos Pereira da Costa Junior, major Jeronimo Osorio de Castro, capitão Americo Olavo Correia d'Azevedo e tenente João Mendes Cabeçadas; De pé: os alferes Luiz de Sousa Coutinho, Manuel Maximo Lopes, Silva Barros e Herculano Guimarães, alferes medicos Francisco Antonio Soares e José Viegas Louro, alferes José Silvestre Rodrigues e Pinto Vidigal e alferes medico José Bonifacio da Silva.

1. Miguel Martins, chauffeur do C. A. 2. Amadeu Gonçalves, 1.º cabo d'infantaria. 3. Vitorio Bulhões, soldado de infantaria.—4. Antonio da Graça Rocha, 1.º cabo d'infantaria.— 5. Antonio Vitorino Guimarães, soldado da companhia d'equipagens.

6. Grupo de militares de artilharia, sendo o da direita o 1.º cabo Antonio Pereira Mendes.—7. José Augusto da Costa Monteiro, soldado do grupo de metralhadoras.—8. Custodio Galamba, 1.º cabo do C. A. — 9. Manuel Ferreira, soldado d'infantaria.— 10. João M. Assunção Verissimo, soldado-sapador do C. F. 11. José Ferreira Valente, soldado telegrafista.—12. Militares de um batalhão d'infantaria: Antonio José da Costa, Alberto da Silva Nogueira, Selé, primeiro cabo, e Francisco Serrasqueiro.

13. Soldados da companhia de telegrafistas de praça: Carlos Serafim da Cunha, Alvaro da Rocha e José Luiz André Pessanha. 14. Soldados de infantaria: Anibal Fernandes Coelho, Crisogno Afonso de Sousa e Manuel de Oliveira. — 15. Soldados sapadores do C. F.: João Antonio Aguiar, Francisco Seles Guedes e Antonio Cardoso. — 16. Artur do Nascimento, soldado de engenharia. 17. Henrique Mariano d'Almeida, soldado de infantaria. 18. Manuel Mendes, soldado de artilharia.

19. Cesar Augusto Soares, 2.º cabo d'artilharia pesada.—20. Joaquim Marques Morgado, soldado da companhia de saude.—21. Manoel Roque da Costa, soldado telegrafista de artilharia.—22. Tiago d'Araujo Morgado, chauffeur do C. A. T. F.—23. José Joaquim Carvalho, soldado de artilharia.—24. Henrique Dias, motociclista do Q. G.—25. Alberto d'Aguiar, chauffeur do C. A.—26. Antonio Soares Pessoa, 1.º cabo d'infantaria.—27. Pessoal d'uma ambulancia. Da esquerda para a direita: Anibal J. Valpassos, 1.º cabo enfermeiro; José Lopes, soldado maqueiro, Augusto Pinto Baldaio e Manuel Gomes Monteiro, 1.ºs cabos enfermeiros.

Outra expedição a Moçambique

O «destroyer» *Douro* comboiando o transporte *Lourenço Marques* que conduziu uma expedição a Moçambique.

O «destroyer» *Douro* que comboiou o transporte *Lourenço Marques*.

A bordo do *Lourenço Marques* partiu para Moçambique uma nova expedição de soldados portuguezes que vão defrontar-se com os allemães, reforçando assim as colunas de outros bravos que teem sustentado os embates furiosos dos *boches* que pretendiam apoderar-se de uma parte do nosso vasto dominio africano, patrimonio que devemos conservar á custa dos mais pesados sacrificios, porque é ele que nos dá direito ás maiores considerações dos povos estrangeiros. Este novo nucleo que felizmente já chegou ao porto de destino com o coração a trasbordar de amor pela patria querida, saberá cumprir o seu dever de leal portuguez, não consentindo que uma raça que se tornou odiada se apodere de uma parcela que seja da mais estimavel herança que os nossos maiores nos legaram. E da sua bravura muito ha a esperar que honre as paginas gloriosas da nossa historia.

Sr. Antonio da Encarnação Santos Vieira, alferes d'um grupo de metralhadoras.

Sr. Alfredo Soares da Costa, alferes de infantaria.

3. Grupo de oficiaes expedicionarios a Moçambique.—Da esquerda para a direita, sentados: Srs. drs. Beleza dos Santos, tenente-medico, e Campos de Carvalho, alferes de artilharia. De pé: Srs. drs. Gonçalves Rebelo, tenente medico, Pinto de Mesquita, alferes de artilharia e Rebelo de Magalhães, alferes da Administração Militar. («Clichés» do distinto amador sr. Jorge X. Brito, alferes miliciano).—6. Justino Cesar, segundo sargento de infantaria.—7. Adelino Paiva, segundo sargento de artilharia.—8 Os oficiaes da 29.ª companhia indigena expedicionaria a Moçambique. O capitão sr. Manuel Augusto Albuquerque de Faria e os alferes srs. Valentim Caetano Cerveira, Joaquim da Silva Martinho e Manuel dos Santos Brito.—9. Antonio Augusto Serra, segundo sargento de infantaria.

Agasalhos para os nossos soldados

Carroças carregadas com as roupas e agasalhos que o «Seculo» envia para os nossos soldados em França, vendo-se no primeiro plano o sargento sr. José Maria Pinto Sampaio, encarregado pelo Ministerio da Guerra de receber e entregar as mesmas roupas. («Cliché» do sr. J. Canela).

SEGUNDO as ultimas noticias de França, a agua já invadiu as trincheiras e n'essas covas humidas e desconfortaveis já se treme tambem de frio.

De todos os esforços da iniciativa particular é, sem duvida, o do *Seculo*, o que mais em evidencia se tem posto desde que estalou a guerra para acudir aos feridos, sem inquirir da sua nacionalidade, e para auxiliar os nossos soldados desde que entrámos no conflito. Agora mesmo acaba ele de entregar ao ministerio da guerra 8.944 peças de roupa e agasalhos para os nossos soldados em França, sendo já em numero de 62.214 as peças que teem saído da sua subscrição.

E já está a tratar de uma nova remessa para o inverno, remessa que tem ser toda de agasalhos por causa do frio intensissimo que ali faz e que tantos pobres soldados leva aos hospitaes. Camisolas, ceroulas, peugas, barretes, mantas, cobertores, tudo de lã, peles para confeccionar pelicos e ceifões, — eis aquilo de que ele mais precisa.

Lembrem-se, pois, todos os nossos leitores da situação dificil d'estes valentes, entre as granadas alemãs e os horrores da doença. Ajudem-lhes a suavisar a sorte, que o mesmo é que ajudal-os a vencer. O *Seculo* aceita todos os donativos e fal-os chegar seguramente ao seu destino. Quem não tiver artigos feitos para mandar, dê o seu trabalho ou o seu obulo para ajuda de os adquirir. Qualquer dos meios, por que demonstrem os seus sentimentos patrioticos e o interesse que teem pelos que defendem a patria, será uma parcela valiosa na soma de esforços que todos nós temos de empregar para que os nossos soldados não se sintam desanimadamente esquecidos do seu paiz, ao passo que os dos aliados vivem n'uma abundancia e alegria, que lhes redobra o valor e a fé na vitoria.

Centenario da morte de Gomes Freire d'Andrade

O monumento erigido a Gomes Freire d'Andrade.

Gomes Freire d'Andrade, tenente general do exercito portuguez.

Passou a 18 do corrente o primeiro centenario da morte d'um dos mais illustres officiaes do exercito portuguez, o marechal de campo Gomes Freire d'Andrade. N'esse dia realisou-se em Oeiras, com a assistencia do sr. ministro da guerra, revestindo grande imponencia, a ceremonia do descerramento d'uma lapide comemorativa colocada na base do monumento que no local do suplicio do precursor da revolução de 1820, perpetua um dos maiores crimes praticados pelo absolutismo. Com a morte violenta do soldado que em tantos combates se batera com denodo e valentia, julgou abafar o grito de revolta que, não só ele, mas todos os portuguezes patriotas, que temiam pela independencia da sua nacionalidade, estavam prestes a soltar; mas essa morte não obstou a que a revolução fosse um facto.

A carreira militar de Gomes Freire foi prodiga de bravura. Entrou em varias campanhas de auxilio á Hespanha, serviu no exercito de Catarina II da Russia, que n'essa epoca guerreava a Turquia, tomou parte ativa e importante na guerra de 1801 com a Hespanha e comandou uma das brigadas da Legião Lusitana ao serviço de Napoleão, que soube apreciar os altos conhecimentos de valor militar do bravo general portuguez.

Gomes Freire sofreu na torre de S. Julião da Barra, onde fôra encerrado, as maiores crueldades e humilhações; todavia a mais grave de todas e com a qual o absolutismo quiz deprimir em ultima vingança os notaveis serviços prestados pelo grande heroe, foi a de não permitir que Gomes Freire vestisse o seu uniforme no dia da execução e morresse como soldado.

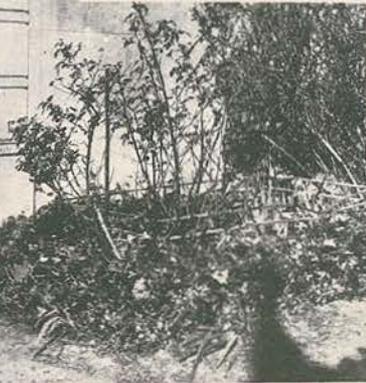
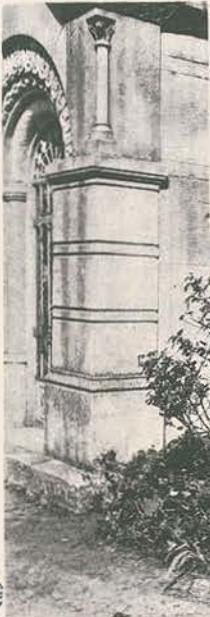
Foi trajando d'alva, com capuz e descalço, que enforcaram, na esplanada da fortaleza de S. Julião, como um facinora, o devotado patriota, ornamento do exercito portuguez, cuja memoria se invoca e perpetua agora como exemplo de bravura e de patriotismo.

3. As inscripções e a lapide na base do monumento
4. O ministro da guerra no momento do descerramento da lapide comemorativa do 1.º centenario de Gomes Freire.
(«Clichês» Benoliel).

Monumento a Emidio Navarro

No dia 7 do corrente efétuou-se no Luso, com extraordinario brilhantismo, a cerimonia da inauguração do monumento ao insigne jornalista Emidio Navarro.

A familia Navarro, acompanhada dos representantes do chefe do Estado, do governo e da imprensa, depois da piedosa romagem ao cemiterio onde foi depôr flôres sobre o tumulo que encerra os restos mortaes do ilustre homem de letras, dirigiu-se ao local do monumento seguida já d'um luzido cortejo em que se encorporaram além das entidades oficiaes, membros das classes comercial e industrial, muito povo d'aquela localidade e das freguezias proximas e grande numero de senhoras da nossa sociedade elegante que se encontram veraneando n'aquela importante estancia e não quizeram tambem deixar de prestar o seu delicado concurso á homenagem rendida ao distinto escritor e homem de Estado.

Apoz a sessão inaugural, que foi presidida pelo sr. Joaquim Cruz, presidente da camara municipal da Mealhada, foi, pela neta de Emidio Navarro, filha do sr. Ernesto Navarro, descerrado o busto, executando n'essa ocasião a banda de infantaria 28 o hino nacional. Em seguida foram pronunciados varios discursos sobresaindo o do sr. dr. Fernando Emidio da Silva que eloquentemente fez o elogio do homenageado, apreciando a sua notavel obra e enaltecendo as suas brilhantes qualidades e prestimosas iniciativas. Louvou tambem o empreendimento realisado pèla camara da Mealhada que assim soube perpetuar o seu agradecimento pela dedicação que sempre mereceu a Emidio Navarro o Luso e o Bussaco.

1. Vista do monumento a Emidio Navarro apoz a cerimonia do descerramento.—2. A sepultura de Emidio Navarro completamente coberta de flores, em campa rasa junto do jazigo de sua familia.—3. Voltando da piedosa homenagem. Entre os assistentes vê-se o filho de Emidio Navarro, sr. Ernesto Navarro (1) e á sua direita o presidente da camara da Mealhada. («Clichés» do distinto amador sr. Heitor Brandão e tirados expressamente para a *Ilustração Portugueza*).

XVIII CONCURSO NACIONAL DE TIRO

Com uma concorrencia enorme em todas as sessões, terminou o XVIII concurso nacional de tiro, realisado na carreira de tiro em Pedrouços, e promovido, como nos anos anteriores, pelo ministerio da guerra.

Os concorrentes d'este ano foram mais numerosos e todos eles disputaram as varias provas com grande ardor, resultando um final brilhantissimo, do que está imensamente satisfeito o sr. ministro da guerra, que assistiu a muitas d'essas sessões com o sr. ministro do interior.

De todos os concorrentes, porém, apesar de entre eles haverem atiradores de grande nomeada, com justiça premiados em anteriores concursos, e que pelas provas que déram receberam premios valiosos, houve um—o sr. dr. Antonio A. da Silva, distinto medico—que alcançou as seguintes classificações: prova Gomes Freire, 1.º; prova Republica, 1.º; séries limitadas, 1.º; campeonato de Portugal á espingarda, 1.º; campeonato do exercito de terra e mar, 1.º; suprema A (prova disputada entre todos os campeões), 1.º; mestre atirador a 200 metros; mestre atirador militar; primeiro atirador a 300 metros campeonato de Portugal á pistola, 2.º; suprema B (mestres atiradores), 2.º.

1. A sr.ª D. Beatriz de Sousa Soares, vencedora d'uma das provas.—2. O sr. ministro da guerra tendo á sua esquerda o sr. ministro do Interior. No ultimo plano vê-se o general Barnardiston, chefe da missão ingleza.

Em todos os concursos que se teem realisado nunca apareceu quem tivesse conseguido egual numero de classificações, o que torna o distinto *sportsman*, dr. Antonio Martins, que é tambem um atleta completo, o campeão de tiro em Portugal.

Os premios foram este ano mais numerosos, pois não só foram oferecidos pelas estações oficiaes e varias corporações e associações, mas tambem por muitos particulares que, devotados patriotas, manifestaram o seu entusiasmo pelo concurso nacional de tiro, oferecendo egualmente valiosos brindes para galardoar os mais habeis atiradores.

O sr. dr. Antonio A. da Silva Martins, aspirante a alferes medico miliciano, o concorrente mais premiado.

No concurso tomaram parte algumas senhoras que déram mostras exuberantes de coragem e energia, tendo uma d'elas, a sr.ª D. Beatriz de Sousa Soares, saido vencedora n'uma das provas, pelo que foi alvo das maiores ovações.

Bom é que este concurso se torne de ano para ano mais entusiasta, porque é um dos melhores incentivos para que possamos possuir bons atiradores, tão necessarios para defenderem a patria quando ameaçada de perigos.

Delegação da Escola de guerra, vencedora do campeonato coletivo.

Grupo de vencedores de varias provas do concurso. Da esquerda para a direita: s.rs Adolfo Ferreira Lima, Felix Bermudes, capitão Brandão de Melo e Jorge de Carvalho.

OS AMERICANOS EM FRANÇA

Tive a boa fortuna de poder conversar alguns instantes com alguem que lidou de perto com o general Pershing durante a sua permanencia em París. Como se sabe, o comandante do corpo expedicionario americano acaba de deixar a capital franceza para se instalar n'uma localidade proxima do *front,* onde funcionam desde já todos os serviços do seu estado-maior.

—Sem duvida—disse-me o meu interlocutor em resposta a uma observação que eu formulára—as declarações que o general acaba de fazer aos jornalistas que o interrogaram diferem um pouco no tom d'aquelas que ele fez ao embarcar na America e ao chegar a França. Mas nas palavras d'esse ilustre chefe miiitar não ha menos confiança; talvez apenas mais modestia. Ele reconhece que um exercito que represente a nação americana não pode ir para o campo da batalha «á la légere». Um trabalho de preparação, de instrução, póde mesmo dizer-se, de adaptação, impõe-se sem duvida; e esse trabalho póde muito bem levar semanas ou mesmo mezes.

No Mosa.—Um soldado americano acariciando uma creança franceza.

«O general Pershing tinha visto a guerra atravez do Atlantico; isso lhe deu talvez da tremenda luta uma idéia que ele teve depois de em mais de um ponto rectificar. Esta guerra é uma guerra como nunca se tinha visto, é uma guerra diferente de todas as outras guerras. Para a compreender exatamente, é preciso tê-la feito ou, pelo menos, tê-la visto fazer. O general Pershing não tardará a fazê-la e fá-la-ha com brilho, como um grande chefe que é. Mas já teve ocasião de ver os francezes batendo-se em Verdun. Ele assistiu á recente ofensiva e trouxe de lá uma profuuda impressão. Não cessa de fazer elogios á valentia dos soldados que ele viu atacar com inexcedivel bravura os alemães. Pela primeira vez, ele pôde bem avaliar tudo quanto ha de formidavel, gigantesco, de nunca visto nos combates da guerra atual.

«A sua confiança nos soldados americanos é

Os soldados americanos no seu campo de concentração em França

grande. Está convencido de que eles darão boa conta de si. Mas quer que eles não entrem em combate senão quando uma solida preparação lhes permita hombrear com os seus camaradas aliados que já estão nas trincheiras. Essa preparação está-se fazendo, de resto, d'uma maneira intensa. Ha proximo do *front* varios campos de instrução onde os «sammies» continuamente se exercitam. Serão excelentes soldados...

—E quanto ao projéto de algumas centenas ou não sei mesmo se milhares de aeroplanos que viriam da America para pôr os exercitos alemães em debandada?...

—A concéção era com efeito excessivamente simplista. Mas não duvide de que ha muito a esperar do desenvolvimento da guerra aerea. Não precisamos de entrar nos dominios da fantasia mais ou menos audaciosa. Basta considerar isto: no dia em que dispuzermos de aparelhos bastantes para impedir que os aparelhos inimigos se aproximem das nossas linhas e vigiem os movimentos das nossas tropas o segredo das nossas ofensivas será rigorosamente possível. Ora a condição essencial d'uma ofensiva é a surpreza.

—O sr. viu, preguntei, as recentes ameaças alemãs dirigidas contra os americanos. Depois da resposta de Wilson á nota do papa eles afirmam que vão opôr-se mais rigorosamente do que até agora ao transporte das tropas americanas atravez do Atlantico. Que pensa o general Pershing a esse respeito? A perspetiva inquieta-o?

—Não, fa-lo sorrir. E sabe porquê? Porque se os alemães não têm metido no fundo os transportes americanos é porque não têm podido. Vontade não lhes tem faltado, nem esforços. E pôde afirmar, porque tenho seguros dados para lh'o dizer, que a atitude dos soldados americanos em mais de que uma situação dificil tem sido admiravel.

—Quando, pergunteí para terminar, pensa o sr. que os americanos ocuparão os seus logares nas trincheiras?

—Não lh'o posso dizer exatamente. Como sabe o general partiu já para a cidade onde ficará instalado o seu quartel, ligado por fios especíaes a Paris, a Londres, ao porto de desembarque e a New-York. A instrução das tropas faz-se rapidamente. Penso que dentro d'algumas semanas já poderá figurar nos jornaes do mundo inteiro o comunicado americano.

Os americanos nos campos d'instrução em França, exercitando-se na construção de trincheiras

Paris, 5 de Setembro.

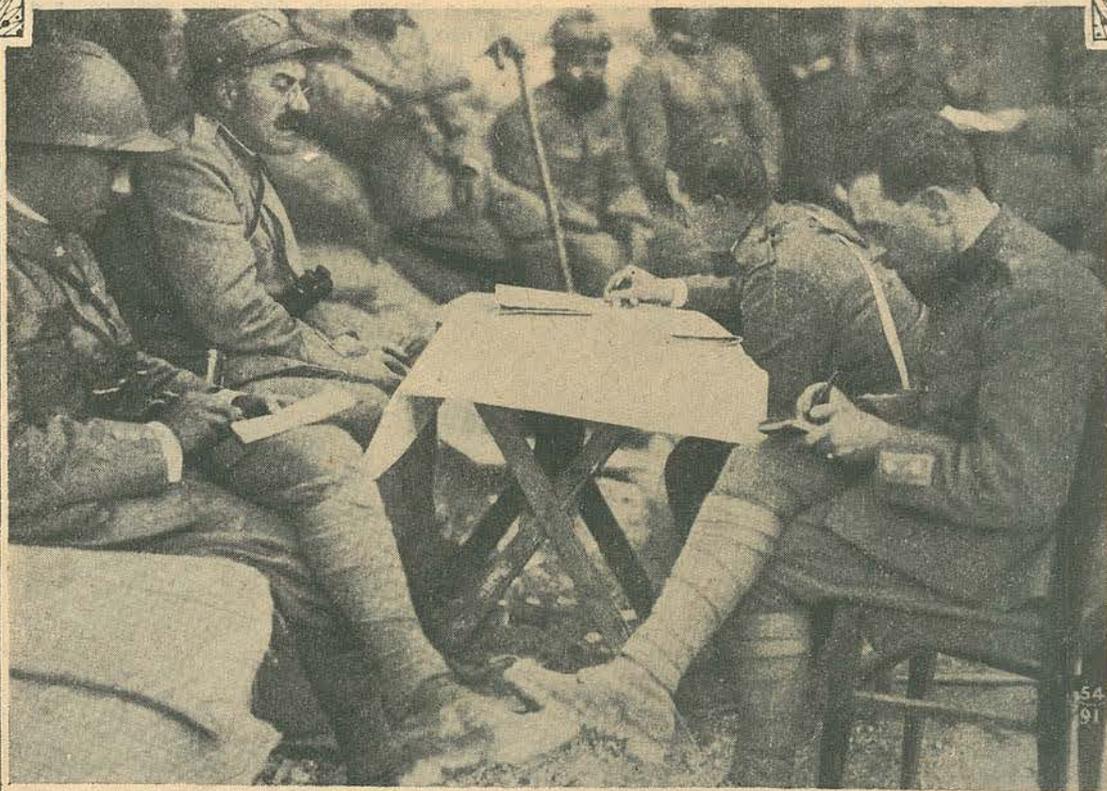
JULIO GUERNER.

A GUERRA

Os primeiros prisioneiros austriacos feitos pelos italianos na batalha do Isonzo.

Outro aspéto de prisioneiros austriacos feitos pelos italianos na batalha do Isonzo.

O Monte Santo. — Esta grande e bela montanha, com o seu antigo convento a dominar uma enorme extensão em volta, constituindo um importantissimo ponto estrategico, veiu a cair finalmente em poder dos italianos. Custou-lhes muito sangue, custou-lhes mesmo a vida do valente general Antonio Cascino que os levou a essa conquista memoravel.

D'esse novo centro de operações tem resultado para os austriacos formidaveis derrotas. Durante muito tempo julgavam-no eles inexpugnavel e verdade é que custou caro aos italianos a sua conquista; mas estes estão-se indemnisando largamente dos sacrificios, porque o Monte Santo abriu-lhes uma profunda penetração no territorio do inimigo.

Um comando de brigada italiano sobre o Monte Santo, um dos pontos do teatro da guerra italo-austriaca a que ficarão ligadas as mais gloriosas tradições.

Cães conduzindo um fardo de sacos que levaram mantimentos para o *front*

Os cães na guerra. — Não se calculam os milhares d'estes preciosos auxiliares do homem que está na guerra, ao serviço da cruz vermelha e ao serviço de transporte e a varios outros em que a sua coragem, destreza e fidelidade os torna altamente uteis. Tambem não se calcula a importancia dos seus serviços, nos quaes não era facil substituil-os.

Na Belgica reconquistada.—Arrajando um caminho para transportes sobre um terreno esburacado pelos obuzes.

O MILAGRE DE FÁTIMA

Varios aspectos do povo ajoelhado e orando no momento de descobrir o sol e de se dar o fenomeno que tanto impressionou a multidão.

(Carta a alguem que pede um testemunho insuspeito).

Quebrando um silencio de mais de vinte anos e com a invocação dos longinquos e saudosos tempos em que convivemos n'uma fraternal camaradagem, iluminada então pela fé comum e fortalecida por identicos propositos, escreves-me para que te diga, sincera e minuciosamente, o que vi e ouvi na charneca de Fátima, quando a fama de celestes aparições congregou n'aquele desolado ermo dezenas de milhares de pessoas mais sedentas, segundo creio, de sobrenatural do que impelidas por mera curiosidade ou receosas de um logro... Estão os catolicos em desacordo sobre a importancia e a significação do que presencearam. Uns convenceram-se de que se tinham cumprido prometimentos do Alto; outros acham-se ainda longe de acreditar na incontroversa realidade de um milagre. Foste um crente na tua juventude e deixaste de sel-o. Pessoas de familia arrastaram-te a Fátima, no vagalhão colossal d'aquele povo que ali se juntou a 13 de outubro. O teu racionalismo sofreu um formidavel embate e queres estabelecer uma opinião segura socorrendo-te de depoimentos insuspeitos como o meu, pois que estive lá apenas no desempenho de uma missão bem dificil, tal a de relatar imparcialmente para um grande diario, *O Seculo*, os factos que diante de mim se desenrolassem e tudo quanto de curioso e de elucidativo a eles se prendesse. Não ficará por satisfazer o teu desejo, mas decerto que os nossos olhos e os nossos ouvidos não viram nem ouviram coisas diversas, e que raros foram os que ficaram insensiveis á grandeza de semelhante espectaculo, unico entre nós e de todo o ponto digno de meditação e de estudo ..

* * *

O que ouvi e me levou a Fátima? Que a Virgem Maria, depois da festa da Ascenção, aparecera a tres crianças que apascentavam gado, duas mocinhas e um zagalete, recomendando-lhes que orassem e prometendo-lhes aparecer ali, sobre uma azinheira, no dia 13 de cada mez, até que em outubro lhes daria qualquer sinal do poder de Deus e faria revelações. Espalhou-se a nova por muitas leguas em redondeza; voou, de terra em terra, até os confins de Portugal, e a roma-

gem dos crentes foi aumentando de mez para mez, a ponto de se juntarem na charneca de Fátima, em 13 de outubro, umas cincoenta mil pessoas consoante os calculos de individuos desapaixonados. Nas precedentes reuniões de fieis, não faltou quem tivesse suposto vêr singularidades astronomicas e atmos-

1.—O povo abrigando-se sob os seus guarda-chuvas, em torno do local do milagre
2.—Olhando para o ceu esperando a maravilha
3.—Um grupo em que um velho cego talvez espera recuperar a vista

fericas que se tomaram como indicio da imediata intervenção divina. Houve quem falasse de subitos abaixamentos de temperatura, da scintilação de estrelas em pleno meio dia e de nuvens lindas e jámais vistas em torno do sol. Houve quem repetisse e propalasse comovidamente que a Senhora recomendava penitencia, que pretendia a ereção de uma capela n'aquele local, que em 13 de outubro manifestaria, por intermedio de uma prova sensivel a todos, a infinita bondade e a omnipotencia de Deus...

Foi assim que, no dia celebre e tão anciado, afluiram de perto e de longe a Fátima, arrostando com todos os embaraços e todas as durezas das viagens, milhares e milhares de pessoas, umas que palmilharam leguas ao sol e á chuva, outras que se transportaram em variadissimos vehiculos, desde os quasi prehistoricos até os mais recentes e maravilhosos modelos de automoveis, e ainda muitissimas que suportaram os incomodos das terceiras classes dos comboios, dentro dos quaes, para percorrer hoje relativamente pequenas distancias, se perdem longas horas e até dias e noites! Vi ranchos de homens e de mulheres, pacientemente, como enlevados n'um sonho, dirigirem-se, de vespera, para o sitio famoso, cantando hinos sacros e caminhando descalços ao ritmo d'eles é á recitação cadenciada do terço do Rosario, sem que os importunasse, os demovesse, os desesperasse, a mudança quasi repentina do tempo, quando as bategas de agua trasformaram as estradas poeirentas em fundos lamaçaes e ás doçuras do outono sucederam, por um dia, os asperrimos rigores do inverno... Vi a multidão, ora comprimida á volta da pequenina arvore do milagre e desbastando-a dos seus ramos para os guardar como reliquias, ora espraiada pela vasta charneca que a estrada de Leiria atravessa e domina e que a mais pitoresca e heterogenea concorrencia de carros e pessoas atravancou n'aquele dia memoravel, aguardar na melhor ordem as

4.—A multidão, apertando-se em torno do sitio do milagre, onde se vê um portico rustico, começa a olhar para o ceu, á espera do sinal de Deus

O povo ora ajoelhado e olhando o alto

manifestações sobrenaturaes, sem temer que a invernia as prejudicasse, diminuindo-lhes o esplendor e a imponencia... Vi que o desalento não invadiu as almas, que a confiança se conservou viva e ardente, a despeito das inesperadas contrariedades, que a compostura da multidão em que superabundavam os camponios foi perfeita e que as crianças, no seu entender privilegiadas, tiveram a acolhel-as as demonstrações do mais intenso carinho por parte d'aquele povo que ajoelhou, se descobriu e rezou a seu mandado ao aproximar-se a hora do «milagre», a hora do «sinal sensivel», a hora mistica e suspirada do contacto entre o céu e a terra...

E, quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacifica multidão animada pe'a mesma obcessiva idéa e movida pelo mesmo poderoso anceio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, á hora prenunciada, deixar de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro-rei—disco de prata fosca—em pleno zenith aparecer e começar dançando n'um bailado violento e convulso, que grande numero de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes côres revestiu sucessivamente a superficie solar...

Milagre, como gritava o povo; fenomeno natural, como dizem sabios? Não curo agora de sabel-o, mas apenas de te afirmar o que *vi*... O resto é com a Sciencia e com a Egreja...

Avelino de Almeida.

As tres crianças que dizem ter a Virgem falado com elas.

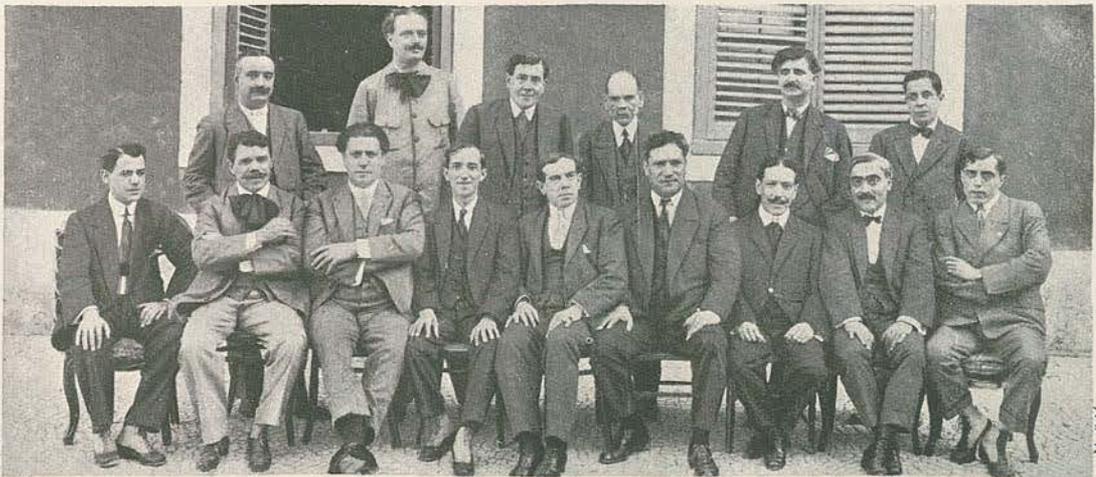
O povo procurando aproximar-se da azinheira santa

(«Clichés» Benoliel).

...Figuras e Factos...

Consorcio da sr.ª D. Eugenia Adelaide Lopes de Oliveira Prestes, filha da sr.ª D. Eugenia Amaral de Oliveira Prestes e do sr. José Augusto Prestes, com o secretario da embaixada do Brasil, sr. dr. José Roberto de Macedo Soares. Paraninfaram o áto civil os srs. drs. Bernardino Machado e Gastão da Cunha, embaixador do Brasil, sua esposa e a mãe da noiva. Da cerimonia religiosa foram padrinhos os paes da noiva e o sr. José Antunes dos Santos e sua esposa.

Campoamoriana.—O sr. dr. A. Ferreira d'Almeida, 1.º secretario da legação em Madrid, não é só um diplomata distinto, é tambem um escritor ilustre, muito erudito e versado nas literaturas estrangeiras. A bela obra poetica de *Campoamor* merece-lhe um culto especial. N'um elegante volume, impresso em Madrid, coligiu e coordenou com notavel metodo e clareza os mais impressionantes pensamentos do grande poeta hespanhol, trabalho este que tanto mais nos honra, quanto é um portuguez o primeiro escritor que o faz.

Sr. Ferreira d'Almeida, autor do livro *Campoamoriana*.

A comissão instaladora da Nova Associação dos Trabalhadores de Teatro. — Da esquerda para a direita, sentados: Durão, pelos contraregras; Castelo Branco, pelos *costumiers;* Rafael Marques, pelos atores; João Ferreira, pelos coristas; Antonio Pinheiro, presidente; Alvaro Cabral, pelos atores; Alfredo Mantua, pelos maestros; Avelar, pelos pontos; Eduardo Reis, filho, pelos scenografos. De pé, Saraiva, pelos elétricistas: *Esculapio*, pelos jjornalistas teatraes, Henrique Sant'Ana, pelos aderecistas; Faria, pelos alfaiates; Vitor Manuel, pelos cabeleireiros; Julio Silva, pelos figurantes.

VENENO

Entre os jornalistas da geração nova que com egual talento e a mesma virtuosidade cultivam os variadissimos generos que a imprensa diaria abrange, Rocha Junior alcançou um logar de relevo, em virtude de méritos que o seu novo livro intitulado *Veneno* bem alto afirma. A obra de muitos jornalistas de valor fica, amiude, sepultada n'um inglorio e injusto anonimato e d'aí o passarem quasi despercebidos, desde que não curem de se reclamar a eles proprios, consoante os processos de que tantas vezes usam para erguerem nas azas da fama os que sem tal auxilio proseguiriam rastejando. Rocha Junior, que é um *reporter* moderno, conhecedor do seu *metier* e dispondo das multiplas qualidades que este exige para ser capazmente exercido, consagrou-se tambem á cronica, na edição noturna do *Seculo,* e saiu-se da tarefa com uma admiravel galhardia, que hoje avulta mais do que nunca nas paginas do livro que temos presente e que está sendo um dos acontecimentos literarios mais notaveis da *season* no seu inicio.

A cronica, para agradar, para se impôr e para preencher em absoluto o seu fim, requer do cronista aptidões excécionais como homem de letras e como espirito observador e independente. Essas aptidões possue-as em alto grau Rocha Junior, juntas á sua mocidade cheia de intrepidez e de audacia. Ha nervo e musculo na sua prosa agil e forte, como ha agudeza, brilho, originalidade na analise e no comentario dos episodios em que fixa a atenção e sobre os quaes borda a sua critica, umas vezes amavel e risonha, outras severa e agreste, mas sempre sem ultrapassar os limites da corréção elegante e da inflexivel justiça que constituem as normas habituaes por que se pauta o seu criterio, ainda quando a ironia flameja e a pena se transmuta em bisturi que corta fundo, até fazer sangrar...

Veneno é a co'ectanea de uma série de cronicas sobre os casos do dia, insertas na edição vespertina do *Seculo,* e que obtiveram um magnifico exito na ocasião de virem a lume, atraíndo para o primoroso jornalista as atenções de um grande publico. Essas encantadoras anotações á vida portugueza, e ainda á propria vida mundial, lêem-se hoje, recolhidas em volume, com o mesmo interesse, o mesmo proveito e o mesmo prazer da primeira hora e hão de ser lidas e relidas ámanhã com identico apreço, porque fixam, por uma forma inexcedivel de nitidez e de graça, aspétos, revelações e ensinamentos d'este instante unico, o mais fertil que regista a Historia em coisas singulares e maravilhosas... Alberto de Sousa ilustrou a capa da brochura, que Guimarães & C.ª editaram.

A. de A.

Portuguezes benemeritos

Comissão da Cruz Vermelha «Pró-Patria», em Juiz de Fóra. Da esquerda para a direita, sentados: Srs. Sebastião Manuel da Costa, 1.° secretario; Manuel Lourenço Jorge Junior, presidente; Joaquim Gonçalves Coelho, vice-presidente, e Carlos de Sousa Lage, 2.° tesoureiro. De pé, os srs: José da Costa, auxiliar da comissão; Manuel d'Azedo e Melo, 2.° secretario; Alipio da Rocha Gomes, procurador; Manoel Pascoal Cardoso, 1.° tesoureiro e José Rafael de Sousa, amigo e grande auxiliar da comissão.

A comissão da Cruz Vermelha *Pró-Patria* em Juiz de Fóra, florescente cidade de Minas Geraes, composta de homens inteligentes e devotados á santa causa do bem, distribuiu o seu relatorio do mez de Maio ultimo, que é um documento valiosissimo do seu trabalho e da sua honesta gerencia. Por ele se demonstra que a receita até áquela data foi de 19.535$000 e a despeza de 792$800, havendo um saldo de 18.742$200. D'esta bela soma enviou a benemerita comissão para Portugal, por quatorze vezes, quantias que perfazem a de 18.743$780, que é realmente um auxilio de grande valor e que muito enobrece os que, longe da patria querida, nunca a esquecem nas horas dificeis.

Sr. Manuel Lourenço Jorge Junior, presidente da comissão *Pró-Patria*, importante comerciante e industrial, que a maioria da colonia portugueza, na cidade de Juiz de Fóra, desejava fosse nomeado vice-consul de Portugal.

Membros da «Sociedade Auxiliadora Portugueza» em reunião para intensificarem a arrecadação de donativos (para a «Obra dos Orfãos da Guerra», na cidade de Juiz de Fóra, Estado de Minas Geraes.

Quinta da Picanceira

O sr. Augusto Pereira Machado, sua esposa e interessantes filhas.

Eira e pombal. A debulha de milho.

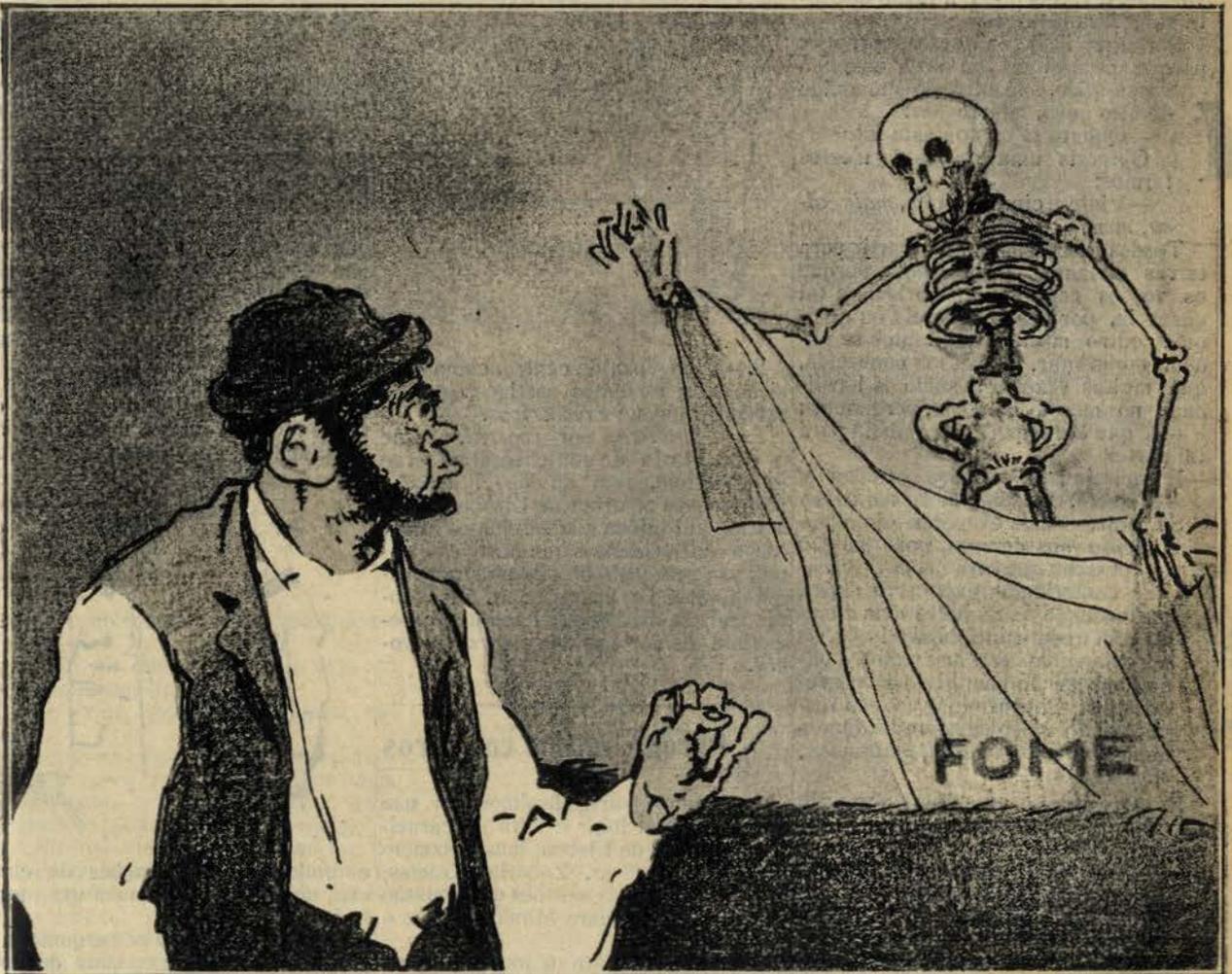
E' louvavel o esforço que alguns dos nossos proprietarios ruraes estão empregando para que as suas culturas concorram o mais possivel para atenuar a enorme crise de subsistencias em que nos debatemos. Entre eles avulta o sr. Augusto Pereira Machado que, na sua bela e vasta quinta da Picanceira, bem mostra a inteligencia, amor e perseverança com que se dedica, pela sua parte, á solução do grande problema agricola, dando assim um nobre exemplo a muitos que ainda se conservam de braços cruzados, apesar das exigencias que a causa publica faz de todos os seus esforços.

Adegas, abegoarias, celeiros e casa de residencia. Condução de uva dos lagares.

(«Clichés» do distinto fotografo J. Fernandes).

XX ANO — N.º 1042 SEGUNDA FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 1917

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃ || REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

O «MILAGRE»

FOME

— A fome! Esta é que é a verdadeira aparição, palpavel e real!...

PALESTRA AMENA

Mais coisa, menos coisa...

Mais coisa, menos coisa, pouco mais ou menos e outras expressões analogas, são as que ouvireis geralmente a portuguezes, e muito raramente as que significam segurança e certeza. Observação é esta e dita de modo que bem a poderia assinar o padre Antonio Vieira ou quejando filosofo; é, porém, muito nossa, foi-nos sugerida por factos varios, cujo exame em nosso espirito provocou o desejo de transmitir ao leitor o que pensamos sobre o assunto, contribuindo assim para a possivel, embora não provavel, emenda.

Combinae com um portuguez uma entrevista, sôbre a coisa mais séria do mundo, para determinada hora. Logo vos responderá que sim, que comparecerá.

—Então, direis, espero-vos ás tantas horas?

—Sem duvida; *mais coisa, menos coisa*...

Podemos multiplicar os exemplos, se não com este dito com outros equivalentes e vereis que é a razão que dita as nossas palavras.

Por curiosidade ou interesse proprio, porque necessitaes de fazer contas á vossa vida, encontrando um amigo de fato novo, interrogaes:

—Quanto te custou este fato?

Obtereis uma resposta n'estes termos:

—Vinte e cinco mil réis, *mais coisa, menos coisa*...

Tendes necessidade de partir para terras distantes, em comboio, porque os vossos negocios vos obrigam a tal ausencia, por simples recreio ou qualquer outro motivo, que tantos se podem apresentar. A pessoa conhecida, que muitas vezes tem saído da localidade no mesmo comboio, perguntaes:

—A que horas parte o comboio para tal parte?

E ouvireis isto, ou coisa semelhante:

—A's sete, *mais coisa, menos coisa*.

Se quizessemos exagerar—do que o bom senso nos defenda, pois que não somos pessoas que atraiçôem a verdade—contariamos que certo rapaz, pretendendo para noiva uma menina com quem muito simpatisava, se aproximou do pae da menina e ousou indagar do bom porte da que requestava. Sabem o que o pae respondeu ao moço enamorado? Que a menina se portava bem, *mais coisa, menos coisa*...

Repetimos que esta expressão póde ser substituida por outra equivalente, mas o resultado não varía. Avaliam-se os bens de cada um em tantos contos de réis, *mais coisa, menos coisa*—mas d'um livro, d'uma peça teatral, d'uma obra d'arte qualquer, não se diz se é boa, *mais coisa, menos coisa*, mas que «*tem qualidades; é pena, comtudo*...»

Assim como não se diz se um banqueiro, a proposito de credito, o tem *mais coisa, menos coisa*, mas sim: «*tem, isto é, parece que tem*...»

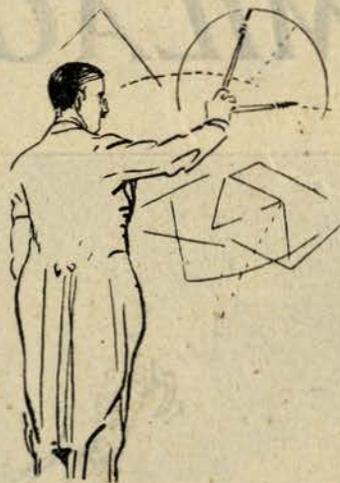
Seriam infinitos os exemplos e abusariamos cruelmente da paciencia do leitor se n'eles teimassemos. Era isto o que tinhamos a dizer-vos, *mais coisa, menos coisa*...

J. Neutral.

Afinal, «centrista»

Dos alvitres apresentados por *J. Neutral* n'uma das suas luminosas palestras n'este semanario, nenhum foi aceite: o partido do sr. Egas Moniz denominar-se-ha *Centrista*.

Não nos dizem as folhas o motivo da denominação, o que nos lança n'uma terrivel perplexidade, obrigando-nos a aventar varias hipoteses:

1.ª—O novo partido considera a politica portugueza como um circulo, de que ele será o centro. Tem certa razão de ser, a hipotese, porque a nossa politica é efetivamente um circulo... vicioso.

2.ª—*Centrista*, de centro, como oposição aos restantes partidos, que são verdadeiramente *excentricos*.

3.ª—*Centrista*, por *central*, porque o consultorio do seu chefe é no largo do Quintela, sem duvida... um dos pontos mais centraes de Lisboa.

E de aí talvez que estejamos muito longe da verdade e que *centrista*, afinal, não seia mais do que alusão ao ramo de medicina em que o sr. Egas Moniz mais se distingue, visto que é especialista de doenças dos *centros* nervosos.

Porque faltam carneiros

Andavamos intrigadissimos por não saber a que atribuir a falta de carneiro nos talhos de Lisboa, mas felizmente o vereador sr. Zacarias Gomes, n'uma das ultimas sessões da comissão executiva da Camara Municipal, poz o caso a limpo.

Diz o extrato para os jornaes: «Atribue o orador a não afluencia de carneiros no matadouro ao decreto que proíbiu a entrada de carnes verdes de rezes ovinas, caprinas e suinas pelas barreiras».

Ora aí está. Não ha carneiros, não só porque estes são ovinos e os ovinos não entram na cidade, mas tambem porque não podem cá entrar os bodes, os porcos e respetivas esposas.

A' primeira vista haverá quem ache

extranha a ligação, mas é sabido que entre os tres representantes animais ha estreita solidariedade, e tanta que costumam ir juntos ao mercado, conforme João de Deus explica n'um engraçadissimo apologo.

D'esta vez o caso passou-se com muita simplicidade: Visto que foi proíbida a vinda dos bodes e dos cevados, os carneiros, protestaram, fazendo gréve.

Estão na moda.

Asilo

Muito de louvar é a memoria da sr.ª D. Eduarda Elisa de Sousa Vasques, que legou certa quantia ao municipio de Oliveira de Azemeis a fim de se fundar um asilo para bachareis em direito. Terminou a incerteza das familias que, por inexplicavel capricho entregam seus filhos ao curso de letrados, não sabendo nunca se eles, na melhor das hipoteses, irão morrer de fome como delegados em comarcas de infima classe, ou na brilhante posição de amanuenses de repartições publicas.

E' certo que alguns, por grandes influencias politicas, já teem obtido chorudos logares, como o de carregadores da alfandega, serventes de escritorio,

cobradores de associações de classe, etc., mas esses constituem um numero insignificante.

Até agora, quando se perguntava ao pai de qualquer estudante de direito para o que estudava o filho, ele dizia com tristeza:

—Não sei!

De futuro, responderá com satisfação:

—Para asilado!

Milagres

Não: lá que a coisa leva agua no bico, isso é que não padece a menor duvida.

Todos sabem do milagre da Fatima, que consistiu n'um bailado do sol ao meio-dia, presenciado por quarenta mil pessoas e no aparecimento da Virgem a uma pastorinha, com a declaração de que a guerra europeia havia terminado n'aquele momento: ás 12 horas de 13 de outubro de 1917.

Pois isto não é nada comparado com outras maravilhas que andam na boca do povo, duas das quais nos chegaram aos ouvidos n'estes termos: Pelas vinte e quatro horas de certo dia do mez passado ouviu-se no sitio da Nazaré (praia da Extremadura) tocar o sino da torre da igreja. O sacristão despertou ao toque, levantou-se e correu ao templo, para averiguar de tão extraordinaria ocorrencia.

Entrou na igreja e que hade vêr? Nem mais nem menos do que Jesus Cristo, em pessoa, a dizer missa no altar-mór! Contrito, o sacristão ouviu a missa, no fim da qual o Nazareno lhe fez sinal de que se aproximasse e entregando-lhe um cirio aceso disse:

—Vai deitar esta vela ao mar...

Retirou-se o sacristão, para obedecer, mas a caminho da praia encontrou uma velha que o interrogou e a quem

contou o sucedido. A velha, então, aconselhou-o:

—Não vás. Se deitares essa vela no mar ele incendiar-se-ha.

Dito o que, desapareceu. Agora, outra:

Na mesma provincia da Extremadura andava certo rustico a roubar lenha n'um pinhal—como ali é vulgar e nada misterioso. Como tentasse arrastar um pesadissimo madeiro, apareceu-lhe de subito um rapazinho dos seus 7 anos, que se poz a rir dos esforços do homem e lhe disse:

—Eu sou capaz de levar esse madeiro para onde quizeres.

—Ora adeus! Um petiz desse tamanho tem lá força para tanto!

—Queres apostar comigo?

—Quero. A que ha de ser a aposta?

O garoto:

—Se eu ganhar, dás-me a tua alma...

O rustico não deixou continuar. Reconhecendo imediatamente que estava tratando com o diabo, benzeu-se, fez figas e logo o tentador se desfez em fumo...

Tudo isto, repetimos, nos foi narrado por gente do povo, cheia de fé em tais prodigios.

Aqui ha coisa...

EM FOCO

Ator Rafael Marques

Nunca artista subiu a mais altura
E cruz não suportou de peso tanto!
Sua enorme coragem causa espanto
Até aos proprios sabios da Escritura!

Vai incarnar a divinal figura,
(E' com tremula voz que o caso eu canto)
Do salvador do mundo, Cristo santo,
Filho de Deus, do bem a essencia pura!

Já lhe diviso, no martirio horrendo
A face macerada mas serena
Sob um clarão suavissimo e estupendo,

E já lhe escuto a fala nazarena,
Quando se move a tunica, dizendo:
—Não bulas que é peor, ó Madalena...

BELMIRO.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida isposa.

Munto me contas arrespêto du milagre da Vrige da O'rem!

Em vista du que dizes, cu çol dansou i ci virão istrelas ó mei dia, istou convretido i nunca mais decho de ir á miça. Mas u fim di esta é darte parte que fue ver u *A's di oiros*, ó Ede, revista touda da fantesia de dois amigos cá du meco, pur iço já podes pôr na tua idéa cal ade cer a minha inpracialidade.

Compõece a revista de dois cunpadres que paçam u tempo a xamar burro um ao oitro. O's pois um deles çonha que vai ó paiz adondes us homes ós pois de mortos ce fazem em alimais i ós pois é ele posto fora du ótele çaindo numa tina i u pai nun jimento. O's pois vão ó paiz du musega ondes as molheres tocam garrafofone. O's pois vão pró pé du guverno cevil pra oivirem uma molher dezer mal do pissarra du marido e un bebado dezer que tudo está nurmalisado.

O's pois vão ó paiz dus fedalgos cumprar tudo purque enrequisseram cun uma reseita de fazer incencia de batata. O's pois falace nu marquez de Pombal i a perposeto aparesse Lisboa antes i ós pois du terramoto. O's pois aparecem as meninas do garrafofone a tucarem trombetofone i ós pois aparessem na sena os carpenteiros, adevecistas, ponto, conta-regra, e munta doitra jente de ambus us cexos. O's pois acabouce a pessa que se xama *A's de oiros* purque tem um pano cum cartas pentadas ó pé d'um rebanho de carneros que tamem podem cer porcos ó oitros caisquer alimais de pello.

Cun isto nan te infado mais i pesso-te que rezes á tal Virge de O'rem pello bom cuceço da pessa purque a impreza é munto cimpatega benzá Deus.

Bejos inormes te inbia u teu cempre fiel ispouso

Jerolmo
Emprezario do Paulitearna de Pêras-Ruivas

Intransigencia

O sr. Brito Camacho lê as noticias de Londres relativas á visita do sr. presidente da Republica:

—«A entrevista dos chefes de Estado foi revestida da maior cordealidade. A seguir a esta entrevista, cujos resultados são faceis de prever, o rei de Inglaterra condecorou o presidente da Republica com a grã-cruz da Ordem do Banho.»

Com convicção:

—Ora aí está uma grã-cruz que eu não aceitaria por principio nenhum!

LAPSO

Consta a uma folha noturna que é vulgar vêr nos Estados Unidos os estudantes, de verão, fazer nos grandes restaurantes o serviço de *criadas* para ganharem o dinheiro necessario para os seus estudos durante o inverno.

Com o devido respeito parece-nos que houve lapso; nos Estados Unidos os estudantes fazem mas é de criados; de *criadas* é na Alemanha.

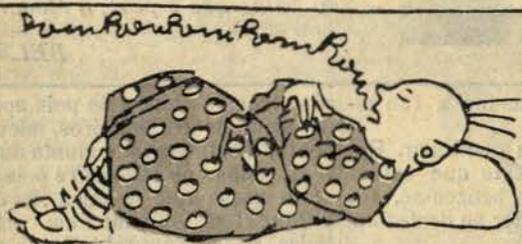
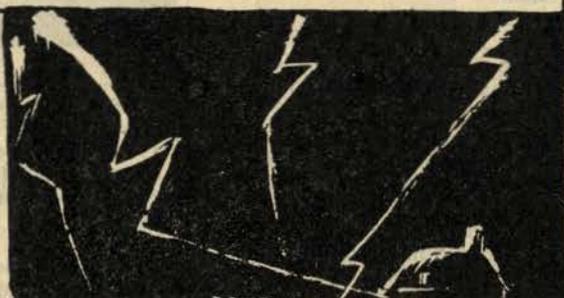
Assim é que está certo.

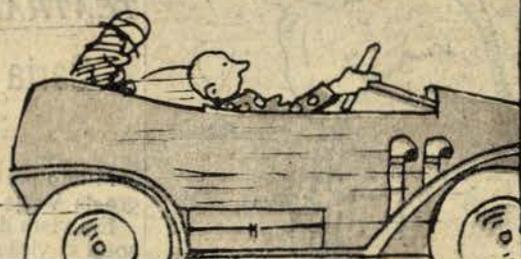
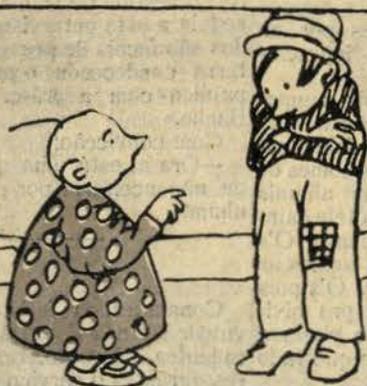
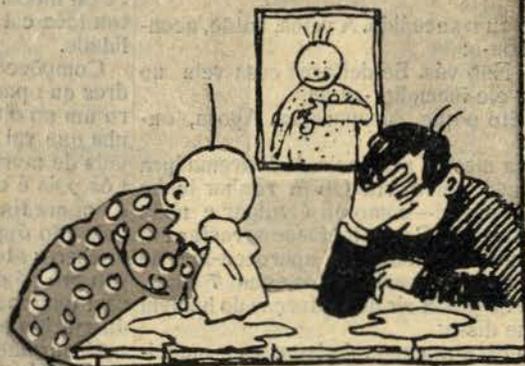
MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

13.ª PARTE **O misterio da casa** 2.º EPISODIO

(CONTINUAÇÃO)

1.—Manecas previne o homem das barbas, com «bons argumentos», de que não resista

2.—e prende-o n'um quarto fechado a sete chaves.

3.—Feita esta façanha, deita-se a roncar como um porco (salvo seja)

4.—emquanto cá fóra ruge a tempestade tormentosamente!...

5.—Entrementes, o Quim entrega a missiva ao Manequinhas,

6.—resolvendo os dois partir a toda a velocidade ao encontro do nosso Manecas.

7.—Mas,—ó espanto! ó maravilha! ó milagre!—a casa, onde se desenrolou toda a historia comovedora do homem das bombas, desaparecêra!

8.—E os pobres manos choram a desdita esmagadora da presuntiva morte do Manecas, que a ser um facto consumado, seria uma verdadeira perda p'rá familia...

(Continua).